

Carreira renovada com a mudança para a nova capital

Arquivo pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vinda do Rio de Janeiro para Brasília do gastroenterologista Justino Baumann das Neves, em julho de 1958, representou mais do que um desafio. Foi um reacender da carreira desse médico que, aos 46 anos de idade, trocava a velha capital onde tinha clientela garantida pela nova. Onde teria que atender cerca de 2.200 funcionários do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários (-IAPB) em qualquer enfermidade que aparecesse. “Muitos diziam que era loucura. Minha família toda chorava no Rio de Janeiro, mas eu nunca tive dúvida e até hoje não me arrependo”, conta Justino, que veio para cá com a esposa, Maria Clara, seus dois filhos, Léia e Renato, e a sogra, Amélia Coelho. “Ela era provavelmente a pessoa mais idosa de nosso acampamento”, lembra Justino, sem esquecer de que quando a sogra voltava da rua tinha os cabelos brancos “pintados de rosa pela terra vermelha da cidade”.

Justino Baumann foi convencido a vir para Brasília em uma palestra do colega Ernesto Silva, no Rio de Janeiro. As palavras de incentivo de Ernesto logo contagiaram Justino, que acabou se candidatando como um dos voluntários para vir para Brasília. “Ernesto Silva levou maquetes e desenhos para mostrar onde iria ser cada setor da cidade”, conta o pioneiro, um dos primeiros mé-

dicos da cidade e o único que atendia no ambulatório do acampamento do IAPB, localizado onde hoje estão as quadras 108 e 109 Sul. “Morávamos em casas pré-moldadas de madeira e as pessoas batiam na porta lá de casa a toda hora para pedir um medicamento ou para se consultar. Quando eu não estava em casa, minha esposa, que de tanto ouvir minhas receitas já sabia alguma coisa de medicina, era quem receitava os remédios aos pacientes”, lembra Justino.

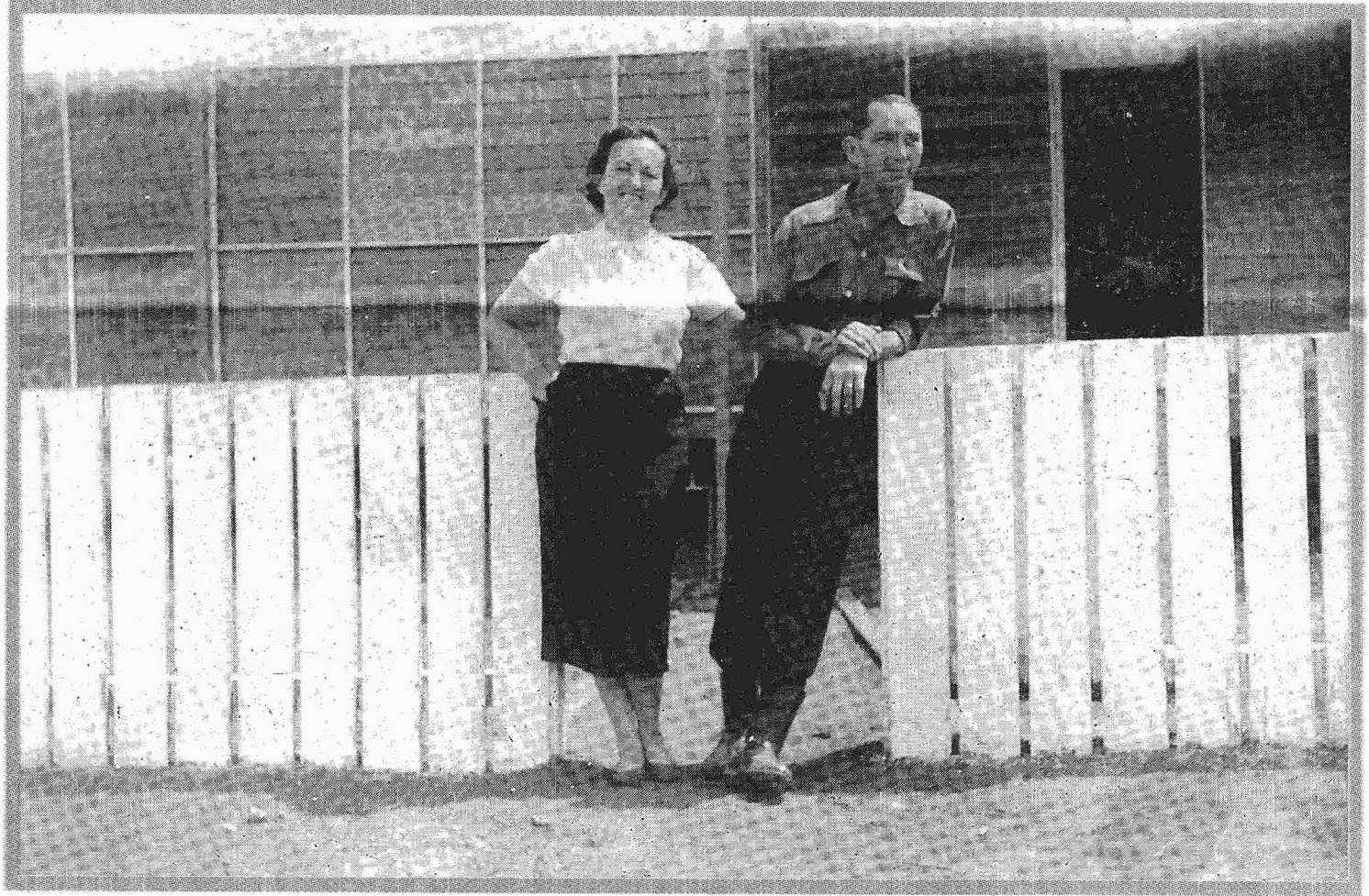
Com poucos dias de Brasília, Justino teve que enfrentar o primeiro corre-corre na capital. “No final do mês de julho, houve um acidente muito sério que mobilizou as equipes do ambulatório do acampamento e do hospital da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). O elevador de um prédio em construção teve seu cabo rompido e os trabalhadores caíram de lá. Algumas pessoas morreram e outras ficaram feridas”, afirma Justino. O trabalho foi tanto que médicos dos acampamen-

tos de outros institutos tiveram que ser chamados para ajudar.

Com a inauguração da cidade, Justino foi trabalhar no Hospital Distrital — atual Hospital de Base —, mas sem largar o IAPB, que unido aos outros institutos passavam a formar o INPS, e em seu consultório próprio. Além disso, Justino foi um dos fundadores da Associação Médica de Brasília e do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, dois feitos de que se orgulha muito. “Fui um dos primeiros médicos a chegar

NOS PRIMEIROS ANOS DE BRASÍLIA, JUSTINO, MARIA CLARA, OS FILHOS E A SOGRA MORAVAM EM UMA CASA PRÉ-MOLDADA DE MADEIRA NO ACAMPAMENTO DO IAPB

aqui e os meus números de inscrição mostram isso com exatidão”, diz o médico, que possui o registro 23 da Associação Médica de Brasília e o CRMDF de número 37.



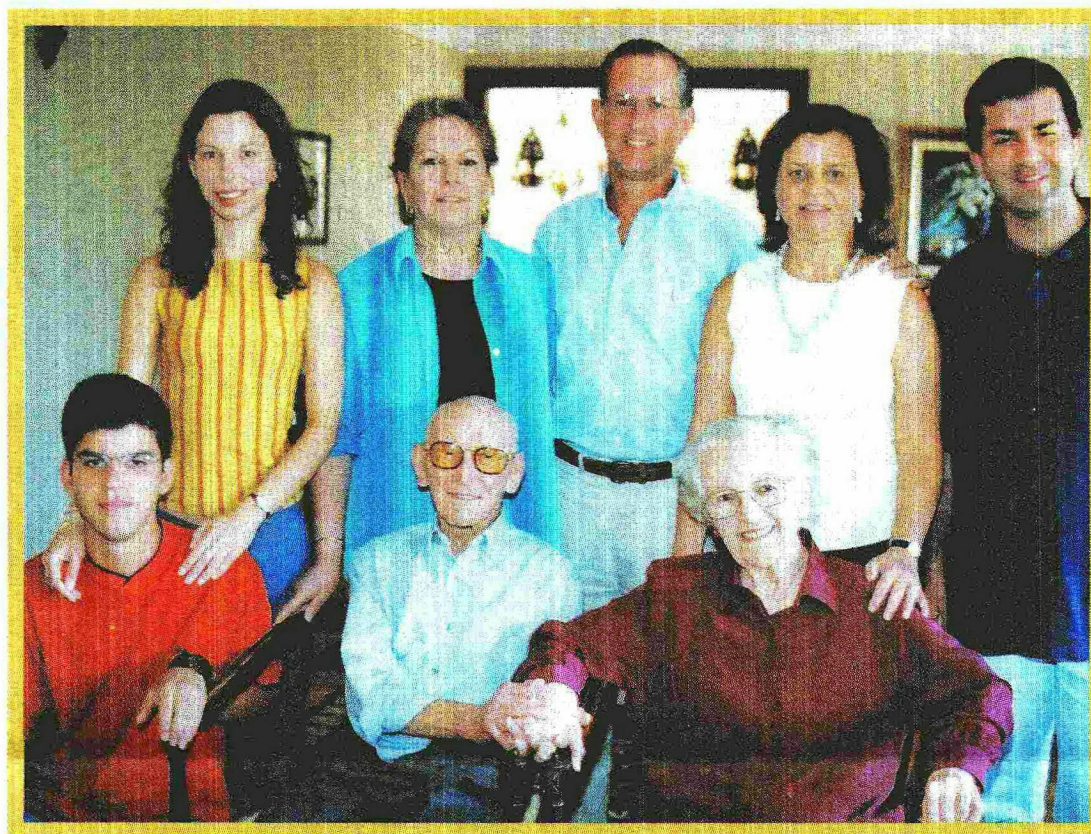
O médico deixou o Rio de Janeiro, com toda a família, rumo a Brasília, em 1958, depois de uma palestra do também pioneiro Ernesto Silva sobre a nova capital

Paixão pela medicina

Em 1984, ele se aposentou, mas a paixão pela medicina é tanta que até hoje, do alto de seus 91 anos de idade, ele procura se atualizar em sua profissão lendo revistas especializadas.

Mudar-se de uma cidade praiana como o Rio de Janeiro, onde morava com sua família no nobre bairro de Copacabana, para o Planalto Central, em uma cidade que não passava de um projeto, nunca assustou Justino. Nem mesmo as quatro horas de viagem de avião que separavam as duas cidades ou o temor de sua família, que dizia que aqui não tinha gás, o desanimaram. “Sempre tive a certeza de que Brasília ia dar certo. Estava realmente decidido a vir para cá”, afirma ele, garantindo que não teve muitos problemas para se adaptar à nova morada. Mesmo porque o acampamento do IAPB, onde ele veio morar, era o mais rico e disponibilizava casas de madeira pré-moldadas com banheiros individuais e transporte coletivo à disposição para levar as crianças ao colégio e as mulheres às compras, na Cidade Livre.

Os obstáculos oferecidos pelo cerrado eram logo superados pelo obstinado médico. Com a terra vermelha não tinha problema: era só lavar a cabeça cerca de três vezes por dia e vestir uma roupa impermeável por cima do jaleco branco, caso chovesse, até chegar ao consultório. E com o clima, outro vilão do início da cidade, o problema era nenhum. “Adaptei-me fácil às mudanças de temperatura da cidade, que vêm desde aquela época”, garante Justino, que lembra de sair de casa com o termômetro marcando 6°C e voltar para o almoço com uma temperatura sete graus acima desta.



JUSTINO E MARIA CLARA ENFRENTARAM TODAS AS DIFICULDADES DO INÍCIO DE BRASÍLIA AO LADO DOS FILHOS

Mas com o restante da família não foi bem assim. Até mesmo para as crianças foi difícil. “Lembro de uma carta que meu filho Renato recebeu de um amigo carioca perguntando como ele conseguia viver em uma cidade sem praia. A resposta dele foi que aqui não tinha praia, mas tinha lama”, diverte-se Justino. A falta da praia e de opções de lazer oferecidas pela nova capital era compensada por outros meios de diversão. “Os institutos mandavam fitas do Rio de Janeiro com filmes para assistirmos nos fins de semana”, conta Justino. Valia, inclusive, ir conferir o filme que estava em cartaz no acampamento vizinho. Dessa forma, o programa era o filme e o passeio. Depois da inauguração vieram outros cinemas e os clubes, como o Iate ou o Cota Mil, mas “as crianças foram crescendo e perdendo o interesse pelos clubes e eu também parei de ir”.

Entre tantas lembranças que o médico pioneiro tem do início da cidade, dois dias chamaram mais sua atenção. O primeiro foi o da abertura das comportas do Lago Paranoá, uma paixão de-

“**ERA DE NOITE E A CIDADE NÃO TINHA LUZ. EM UM DETERMINADO MOMENTO DA CERIMÔNIA (DE INAUGURAÇÃO), AS LUZES DA CIDADE FORAM TODAS ACESAS. VER AQUELA ESPLANADA TODA ILUMINADA PELA PRIMEIRA VEZ FOI EMOCIONANTE**”

clarada de Justino. “Esse Lago é um espetáculo até hoje. Aquele dia ficou realmente marcado na história de quem vivia aqui”, conta. Justino ressalta que o Lago Paranoá não era muito bem-visto pela imprensa nacional. “Dizia-se nas colunas sociais e nos jornais cariocas que as águas iriam subir além da cota mil e inundar a cidade”, lembra Justino, aos risos..

O outro dia que não sai da privilegiada memória de Justino é 21 de abril de 1960, data da inauguração de Brasília, embora ele não tenha sido convidado para a cerimônia oficial do governo. E a família toda se reuniu e foi para a Praça dos Três Poderes, onde hoje está o Supremo Tribunal Federal, assistir à missa em ação de graças pela inauguração da cidade. “Era de noite e a cidade não tinha luz. Em um determinado momento da cerimônia, as luzes da cidade foram todas acesas. Ver aquela esplanada toda iluminada pela primeira vez foi emocionante”, conta Justino, sem fugir à comparação: “Os pioneiros naquele momento davam Brasília à luz”.

Raio X

Nome: Justino Baumann das Neves
Idade: 91 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Médico gastroenterologista
Esposa: Maria Clara Coelho Baumann das Neves
Filhos: Léia e Renato
Netos: Daniela, Ricardo, Mario Junior, Ana Amélia, Sérgio e Marcelo